



A romaria dos arrependidos

► **Sinto asco de quem agora esbraveja contra as barbaridades de Bolsonaro, mas ajudou, de uma forma ou de outra, a colocá-lo no poder**

Primero foi José Padilha. O diretor da série *O Mecanismo*, que na primeira temporada levou ao Netflix uma descrição elogiosa, de louvor e glorificação da magnífica Operação Lava Jato, agora diz ter cometido “um erro de julgamento” a respeito de Sérgio Moro. Coitado. Quase chorei quando li sua entrevista. Enganado, iludido, ultrajado, trapaceado. Ele que, com toda sinceridade e boa-fé, acreditava ser Moro a Madre Teresa de Calcutá da luta anticorrupção, o Nelson Mandela de toga, o Mahatma Gandhi dos tribunais, o ilustre herói nacional em luta incansável contra um câncer da vida pública e em prol de um Brasil melhor para todos. Só que não.

Alguns dias atrás, foi a vez de Miguel Reale Júnior, um dos autores do pedido de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Sobre Bolsonaro, afirmou Reale Jr.: “Estamos, realmente, em um quadro de insanidade da mais absoluta. Não é mais caso de *impeachment*, mas de interdição... Há mais de um ano disse que quem fosse democrata não deveria votar no Bolsonaro”. Ahhh... O *impeachment* foi tão ético, tão íntegro, tão

decente, não? Se alguém não ousou pensar que se tratava de um golpe, não seria capaz de imaginar que a derrubada de Dilma poderia provocar uma crise institucional que acabaria por levar um monstro ao Palácio do Planalto. São coisas imprevisíveis, certamente. Coitado também do Reale Júnior. Ele não sabia.

Até o governador paulista, João Doria, garantiu nunca ter tido “alinhamento com o governo Bolsonaro”. Teria eu sonhado com o Bolsodoria? A dobradinha nunca aconteceu? Aparentemente, milhões de brasileiros tiveram o mesmo delírio e ouviram falar no Bolsodoria inúmeras vezes durante a campanha eleitoral. Bem, não sei, mas, se Doria diz que nunca houve alinhamento com Bolsonaro, quem sou eu para duvidar da sinceridade do governador de *cashmere*.

Não podemos esquecer da mídia, de cada um dos editoriais do *Estadão* e da *Folha de S. Paulo* nos últimos meses. Um desavisado, desconhecedor da realidade dos meios de comunicação ou da política brasileiros pensaria, ao ler os editoriais do *Estadão*, estar diante de um jornal petralha, esquerdopata, que apoiou na campanha eleitoral Fernando Haddad, quicá Guilherme Boulos. “*Estadão*, guerreiro do povo brasileiro”. Um punhado de jornalistas escreve colunas e mais colunas... Reclamam, denunciam, apavorados, os horrores cometidos por Bolsonaro. De novo... Quem iria intuir que a opção cínica de tratar como normal, natural, a candidatura do ex-capitão, aquele jogo da falsíssima assimetria da extrema-esquerda *versus* a

extrema-direita, aquele antipetismo raivoso e devastador, iria nos levar a esse lamaçal no qual nos metemos?

Um político que durante quase 30 anos foi horroroso, violento, repugnante. Um candidato que na campanha presidencial foi horroroso, violento, repugnante... Quem iria imaginar que se transformaria em um presidente horroroso, violento e repugnante? Eu nunca teria suspeitado.

Asco. É o que sinto. Asco de quem agora esbraveja contra as barbaridades de Bolsonaro, mas ajudou, de uma ou outra forma, direta ou indiretamente, a colocá-lo no poder. De quem tinha acesso às informações possíveis e ainda assim optou pelo caminho do ódio e da destruição. De quem, enfim, nos dias atuais, diante do cheiro insuportável do excremento nacional, sai por aí a repetir: “Não fui eu, não fui eu”.

Estamos nesta situação por responsabilidade daqueles que, arrependidos ou não, conheciam perfeitamente os riscos de apoiar Bolsonaro. Conheciam os riscos e não se importaram. Porque, no fundo, nunca se importaram com o Brasil, sua dor, seu sofrimento. Porque não estão nem aí para os indígenas assassinados, para a população negra e periférica, dizimada diariamente pela violência, para os ataques à educação pública, para o desmatamento, para o empobrecimento progressivo dos concidadãos.

É tanta desonestidade, tanta mentira. É obsceno demais. Peço, ao menos, um mínimo de dignidade. Não venham tentar nos enganar com seu falso arrependimento. Não somos idiotas. •

colunistas@cartacapital.com.br